

a pequena livraria
dos recomeços
jenny colgan

Tradução de Neuza da Silva Faustino

*Para a Deborah Schneider,
que é corajosa, fantástica e brilhante*

INTRODUÇÃO

Quando eu era criança, li cada um dos livros infantis que havia na pequena secção da minúscula biblioteca da nossa vila (excetuando o grande livro verde sobre os répteis e os anfíbios, porque me causavam horror).

Li livros sobre caligrafia, ténis de mesa, os escuteiros (era terrível no escutismo e detestava-o; ganhei um único distintivo — sim, o do leitor), livros sobre como tornar-se espião, e também a Bíblia, assim como todos os contos que lá houvesse.

Pensei que fosse este o objetivo: ao sabermos ler, lermos os livros existentes em todo o mundo. Quando recebi o meu cartão de biblioteca para adultos, tinha eu treze anos, demorei-me longamente em meia estante da obra de Louis L'Amour, até que tomei consciência de que não era para mim (se bem que tenha lido muito mais de Tom Clancy do que seria de esperar de uma adolescente).

Dito isto: olá, e obrigada pela escolha de *A Pequena Livraria dos Recomeços* — sei que têm muito por onde escolher. Acreditem, sei-o bem. 😊

Este livro não é uma continuação de *A Livraria dos Finais Felizes* (*The Little Shop of Happy Ever After* ou *The Bookshop on the Corner*, dependendo de terem lido a versão britânica ou a norte-americana). Aqui vai uma estória interessante: os autores nem sempre escolhem os títulos dos seus livros, o que poderá surpreender-vos, e, na altura em que escolhemos *The Little Shop of Happy Ever After*, os títulos longos estavam em voga, embora me tivesse parecido um bocado extenso, ainda assim.

Então, o meu editor do Reino Unido, de quem eu gosto muito, disse-me:

— Bem, não tenho a certeza quanto ao título. Será que podemos alterá-lo?

E eu respondi:

— Claro que sim!

Ao que ele sugeriu:

— E que tal *The Bookshop on the Corner*¹?

Expliquei-lhe:

— Mas trata-se de uma livraria ambulante e, portanto, não fica propriamente numa esquina, pois não?

E ele disse-me:

— Estive a pensar, sabe, o que mais gosto no título é a ideia de haver uma livraria sempre à mão.

Respondi-lhe:

— Está bem, e se eu a fizer estacionar numa esquina?

E ele:

— Estupendo! — É por isso que a única diferença entre a edição do Reino Unido e a norte-americana se encontra no número de vezes em que aparece a frase «a carrinha estacionou na esquina habitual».

De qualquer modo, este livro não é a continuação do anterior, embora nele entrem algumas das mesmas personagens: estão aqui a Nina e a Surinder, se bem que a história pertença completamente a Zoe.

Esta é também uma estória sobre o que significa gostar de livros; nesse caso, penso sempre que dispomos de uma capa protetora contra o mundo, o que pode soar estranho, mas eu acredito nisso de verdade.

Penso que, ao lermos, ganhamos outras palavras para descrever o mundo, que podemos vê-lo através de outras cabeças e viver muitas vidas diferentes, além da nossa. O meu filho não é um grande leitor (nem uma criança particularmente precoce), mas lembro-me de quando leu a coleção do Harry Potter, de como a dada altura veio ter comigo e disse, com enorme espanto:

— Não é como nos filmes, é como *estar lá* também, mamã.

E eu continuo a acreditar que ler é a melhor forma de comunicação direta cérebro a cérebro que nós, seres humanos, inventámos, pelo menos até que o Facebook nos coloque a todos um implante.

Ler pode significar um escape — gosto em particular de observar aqueles que viajam diariamente para o trabalho, alheios à neblina matinal, mergulhados na Inglaterra de Thomas Cromwell, nos mundos alienígenas de Michel Faber ou entre os ninhos selvagens de George R. R. Martin.

¹ «A livraria da esquina». (*N. de T.*)

No meu anterior romance sobre uma livraria, falei um pouco acerca de onde e de como leio, e muitos dos leitores contribuíram com as suas próprias ideias. Uma das questões mais interessantes que surgiu foi a linha existente entre os «livros de verdade» e aqueles que são lidos através de um *download* ou ainda assimilados em áudio. Para algumas pessoas — não muitas —, a linha que se traça é rígida, porque «Ah, não existe nada como um livro verdadeiro.» Mas o que me pareceu deveras interessante é a liberdade que alguns sentem em trazerem consigo uma biblioteca nos seus telemóveis ou no bolso e dou com cada vez mais pessoas a utilizarem o seu aplicativo Kindle com letras grandes e a prescindirem de óculos de leitura — e isso não é prático?

Estes dispositivos eletrónicos de leitura encontram um suporte fácil em qualquer ginásio, e eu costumo levar o meu para a banheira, todos os dias (viro as páginas com o nariz e nunca o deixei cair na água, muito embora, acreditem, seja mesmo desastrada). Gosto igualmente de audiolivros, pois significam que podemos continuar a ler, ainda que estejamos a passear o cão.

Com os *downloads*, contudo, sinto falta de poder espreitar o que os outros estarão a ler. Quem me dera que colocassem também nestes livros o respetivo título no topo de cada página; até eu me esqueço do título do que estou a ler, e, se alguém me pergunta acerca da minha leitura atual, hesito por um momento, e eles acabam por olhar-me como quem diz: «Ah, claro, pensei que fosses uma pessoa que *gosta* de livros», o que é mesmo *muito aborrecido*.

Sim, e uma vez aborreci-me também com uma mulher, num jantar, porque ela não parava de falar sobre como jamais iria ler através de *download* e que nada havia de melhor do que um livro de verdade. E, por norma, podem acreditar, não respondo torto, mas ela estava a ser insuportável e disse-lhe assim:

— Bem, este tipo de livros destina-se a pessoas que leem *o bastante* —, o que foi mauzinho da minha parte, mas também um alívio.

O que estou a tentar dizer-vos é que amem o que leem, seja o que for. Enriqueçam as vossas vidas com livros, de qualquer tipo. Se não estiverem a gostar da leitura de um, tentem outro — a vida é demasiado curta.* Continuo a tentar ler todos os livros que existem no mundo. Vocês, que são leitores, compreendem.

Com amor,
Jenny
XXX

* Espero naturalmente que gostem deste livro. Posso enviar-vos um e-mail pessoal para certificar-me de que o leram até ao fim e poderá mesmo haver um pequeno questionário.

PARTE UM



— A vista daqui é diferente — disse Robert Carrier, estendendo mais a asa. — Quando se olham as coisas sempre da mesma maneira, nada se altera. Quando mudamos de perspectiva, muda tudo.

— Mas isto não se parece em nada com a cidade — disse Wallace, maravilhado. — É céu por todo o lado.

— É bastante assim — confirmou Robert Carrier, fixando os olhos pequenos e luzios no rapaz algo desmazelado. — Existem diferentes tipos de céu.

Retirado de *Do Cimo dos Telhados*

CAPÍTULO UM

— **F**ale-me do choro, pode ser?
A mulher estava sentada com uma postura amistosa, mas formal, atrás da sua secretária de atendimento. Na parede, um placard dava a sugestão de um acrónimo confuso que teríamos de memorizar em caso de AVC.

A ideia de termos de nos lembrar de um acrónimo enquanto estivéssemos a ter um AVC não era menos confusa e estava a deixar Zoe ansiosa, mais ainda do que pelo simples facto de se encontrar ali. Havia um estore veneziano meio sujo a tapar uma janela do tipo de um *bunker*, da qual apenas se vislumbrava os tijolos de outra parede, e um tapete com nódoas de café cobria os ladrilhos do chão.

— Bem, às segundas-feiras costuma ser pior — disse Zoe, apreciando o cabelo preto e brilhante da mulher. O seu próprio cabelo também era longo e lúcido, porém trazia-o atado, desmazeladamente, com algo que esperava parecer-se com uma fita de adorno apropriada e não um mero elástico, daqueles que o carteiro por vezes deixava cair. — E, sabe, quando o metro se atrasa ou eu não consigo enfiar o carrinho de bebé na carruagem. Ou se alguém demonstra não gostar que eu tente pôr o carrinho lá dentro. É que, se não levo o carrinho de bebé, atraso-me uma hora, apesar de o menino já ser grande de mais para ele, eu sei, obrigada, pode parar de me olhar assim, como quem está a julgar-me.

»Ou quando tenho de ficar mais tempo no emprego e posso contar cada minuto que vai custar-me ir buscá-lo mais tarde, o que torna o dia de trabalho praticamente inútil. Ou quando penso que talvez seja melhor irmos de autocarro e estamos mesmo a chegar à paragem, e ele a fechar as portas e a partir, apesar de me ter visto, mas não se quer incomodar com o carrinho de bebé. Ou quando o queijo se acabou e eu estou sem dinheiro para comprar mais. Já viu a que preço está o queijo? Ou...

A mulher sorriu com gentileza, parecendo simultaneamente ansiosa.

— Referia-me ao seu filho, senhora O'Connell. Fale-me do choro *dele*.

— Oh! — exclamou Zoe, caindo em si.

Ambas olharam para o menino de cabelos escuros, que brincava, cauteloso, com os bonecos de uma quinta, montada no canto daquela sala. Ele ergueu a cabeça e olhou-as, circunspecto.

— Eu... não me dei conta — começou por dizer Zoe, de novo com vontade de chorar. A gentil doutora Baqri empurrou a embalagem de lenços de papel que tinha em cima da secretária na sua direção, o que não ajudou, pelo contrário, fez cair as lágrimas. — E não me trate por «senhora» — acabou por pedir Zoe, a voz a tremer-lhe. — Ele está bem..., quero dizer, não chora muito, algumas lágrimas, mas não... — Agora estava certa de que iria desfalecer. — Não... emite um único som.



Pelo menos, pensou Zoe, depois de ter limpado as lágrimas e assoado o nariz, a sentir-se de novo a desfalecer, depois dominou-se ao tomar consciência de que, para seu terror, a consulta tão esperada no serviço nacional de saúde estava quase a terminar e que passara praticamente todo o tempo em lágrimas, e olhava agora esperançosa para a doutora Baqri, Hari a enroscar-se alegremente no seu colo. Pelo menos a doutora Baqri não dissera o que a maioria das pessoas diz...

— Einstein, como sabe... — disse a doutora Baqri, e Zoe gemeu interiormente. Aí vinha o resto da frase: — ... apenas começou a falar aos cinco anos de idade.

Zoe esboçou um sorriso.

— Eu sei, obrigada — murmurou entre dentes.

— Mutismo seletivo... ele sofreu algum trauma?

Zoe mordeu o lábio. Céus, esperava que não.

— Bem, o pai dele... vem e vai. É um pouco assim — tentou explicar,

depois tomou um tom ligeiramente suplicante, como quem procura aprovação: — M... mas isso é bastante comum, não é? Tu gostas de ver o papá, não gostas?

Ao ouvir mencionar o pai, o pequeno rosto de Hari iluminou-se, como sempre, e ele tocou a face dela com um dedo rechonchudo e inquiridor.

— Em breve — falou-lhe Zoe.

— Quando foi a última vez que o viu? — perguntou a médica.

— Hum... talvez há três... seis...

Zoe tentava lembrar-se. Jaz não aparecera durante todo o verão, para dizer a verdade. Tantas vezes que tinha dito a si própria, durante esse tempo, para não verificar as atualizações dele no Instagram, porém tornara-se numa espécie de vício nefasto. Ele tinha ido a mais ou menos três festivais. Havia várias fotos dele com diferentes chapéus coloridos.

— Bem — disse a médica, que estivera a jogar às cartas partilhadas com Hari, ensinara-lhe a estalar os dedos, brincara ao *peekaboo* com ele, escondendo e revelando o rosto, e o pusera a procurar por objetos pela sala, e a tudo isso o menino de quatro anos tentara corresponder, sempre nervoso, ao mesmo tempo que tentava constantemente afastar-se e trepar de novo para o colo da mãe, os seus olhos escuros redondos e assustados.

— Trata-se de um transtorno de ansiedade social.

— Eu sei.

— Não é muito comum — a médica examinou as suas anotações — uma criança não falar sequer com os próprios pais. Existe alguma coisa em casa que o perturbe?

Viviam no rés do chão de uma casa horrível de estilo vitoriano, que tinha sido transformada em apartamentos, na estrada principal de Wembley. Os canos retumbavam; o vizinho do andar de cima chegava ébrio a casa, com muita frequência, e punha a música alta até de madrugada. Por vezes, trazia amigos consigo, que batiam com força na porta e riam como loucos. Juntar o dinheiro suficiente para pagar a caução numa outra casa — para já não falar no pagamento da própria renda — não passava de um sonho. A assistência social havia-lhe oferecido um quarto numa residencial, que, pensava ela, poderia ser bem pior. Não podia contar com a ajuda da mãe, que se mudara para Espanha já há alguns anos, e via tudo a encarecer de dia para dia, enquanto trabalhava num bar horrendo que exibia fotos de ovos estrelados nas janelas.

Além disso, desde que engravidara acidentalmente de Hari, Zoe passara muito tempo a fingir perante amigos e família que estava bem, que tudo

corria pelo melhor. Não aguentava encarar a seriedade da situação. Mas isso estava a ter repercussões dramáticas.

— Não estou... eu não estou a culpá-la.

Os lábios de Zoe recomeçaram a tremer.

— Sabe — disse a doutora Baqri —, vocês parecem ter uma boa relação. Ele é tímido, mas não penso que sofra de algum trauma. Por vezes... por vezes é uma daquelas coisas que não se explicam.

Houve uma longa pausa entre elas.

— O que me acaba de dizer — falou Zoe num tom de voz baixo — é talvez o mais simpático que já me disseram, desde há muito tempo.

— Por norma, baseamo-nos num sistema de recompensa por esforço — explicou a doutora Baqri, entregando-lhe um maço de papéis com tabelas e listas de objetivos a alcançar. — Para encorajar, claro. Algo de bom em troca de um murmúrio... um doce por uma canção.

Zoe pestanejou, tentando descobrir de onde viria o dinheiro para os doces se ficava aterrorizada só de pensar no que fariam quando o inverno se tornasse demasiado frio para Hari e ele não pudesse mais usar as sandálias de verão todos os dias.

— Se isto não funcionar, podemos tentar alguma medicação — propôs a médica.

Zoe olhou-a, espantada. Medicar o seu lindo menino. Tinham chegado ao fim da linha — literalmente. Tinham demorado duas horas a atravessar a cidade de Londres, naquele dia tão quente, para uma consulta com a terapeuta da fala, tendo a lista de espera adiado por oito meses aquele encontro.

— Fala muito com ele? — indagou a doutora Baqri.

— Se falo! — exclamou Zoe, finalmente feliz por haver algo que aparentemente não era culpa dela. — Sim! Falo muito com ele! A todo o tempo!

— Bem, certifique-se de não falar de mais. Se entende tudo o que ele necessita e quer, não conseguirá motivá-lo. E é de motivação que precisamos.

A doutora Baqri ergueu-se da cadeira. Ao deparar com o rosto aflito de Zoe, sorriu.

— Tenho consciência de que deve ser difícil não haver uma solução mágica — falou, recolhendo os folhetos.

Zoe tornou a sentir um nó na garganta.

— É difícil — disse.

E era.



Zoe tentou oferecer ao menino um sorriso encorajador. Mas, enquanto estava sentada naqueles dois autocarros sobrelotados e cheios de ruídos, as crianças da escola a chorarem e a lançarem gritos, a ouvirem vídeos em alta voz nos seus telemóveis e a exultarem, e com demasiadas pessoas a entrarem, e os veículos a avançarem penosamente lentos, e Hari a ter de se sentar ao colo dela para conceder espaço aos outros, a perna dela a ficar dormente com o peso dele, e a tentar contar o que lhe havia custado aquela consulta, a perda de mais um turno, e a chefe, Xania, já no fim da sua paciência, aborrecida com o tempo que ela precisava de tirar ao trabalho, e ela não podia perder aquele emprego... tudo lhe parecia tão difícil de suportar. E mesmo quando, finalmente, chegaram a casa e fecharam atrás de si a porta do apartamento em madeira e desmazelada, Hari a cabecear de cansaço, havia uma carta dos correios no tapete da entrada que indicava que tudo iria tornar-se ainda pior.

CAPÍTULO DOIS

— **A** quem arrendaste o celeiro? Não podiam eles dar uma ajuda? Surinder Mehta estava sentada na cozinha da sua pequena casa em Birmingham e tentava dar, ao telefone, conselhos construtivos à amiga Nina, que naquele momento fazia o que todos fazem quando lhes querem dar conselhos construtivos: rebatia-os, ponto por ponto.

Nina era dona de uma livraria ambulante, nas Highlands da Escócia, o que se estava a tornar temporariamente problemático, uma vez que se tinha apaixonado por um lavrador muito atraente, e o inverno fora longo, escuro e aconchegante, e, com toda a franqueza, estas coisas acontecem. Nas terras altas da Escócia, ela acariciava a sua barriga redonda, de mau humor. Eles ainda não tinham posto o celeiro no mercado, para arrendar.

— São trabalhadores de quintas! Têm sempre muito que fazer!

— Deve haver aí alguém que possa ajudar. E aquela rapariga que costumava fazer-te as limpezas??

— A Ainslee encontra-se agora a estudar na faculdade. E... é que toda a gente por aqui já tem uns três empregos. É assim que aqui funciona. Não temos pessoas que cheguem.

Nina olhou para fora da janela da quinta. Era tempo de colheita e todas as mãos estavam muito ocupadas. Dali, distinguia as figuras distantes, nos campos, inclinadas para a frente. A luz emitia reflexos dourados e o vento fazia ondular os campos de cevada.

Este ano haviam-na poupado de participar na safra, mas ainda assim teria de preparar a refeição para muitas pessoas e, por isso, voltara para a quinta, no intuito de fazer uma sopa para aqueles que trabalhavam até mais tarde.

— Bem — disse por fim —, pensa nisso.

— Eu não posso deixar o meu emprego para te ajudar na tua licença de parto! — frisou Surinder. — O que não significa que não gosto de ti, portanto, não distorças as coisas.

Nina sentou-se na cozinha, depois de terminada a conversa. Suspirou. Tinha tudo começado tão bem. Lembrava-se daquele dia: Lennox não tinha dormido, para supervisionar o nascimento dos cordeirinhos, no campo mais acima; a primavera tardara e muitos dos cordeiros teriam de nascer em condições adversas, fustigados pelos ventos laterais, em alguns casos até mesmo pela neve. Ela não tinha a certeza de como Lennox iria reagir. Já fora casado antes e ela não queria que pensasse que estava a fazer-lhe exigências, pois estava perfeitamente feliz com a forma como levavam a sua relação. Certamente que não queria qualquer alarido: tocar as sinetas ou deitar foguetes não faziam o estilo dele.

Naquele dia, ela tinha estado tão distraída na carrinha com os livros que tentara vender à senhora McGleachin o mesmo romance de Dorothy Whipple duas vezes, o que teria causado um incidente diplomático de somenos. Mas ela distribuía igualmente os cadernos errados de preparação de exames e dera por si a folhear *O Que Esperar Quando Está à Espera de Bebê*, que escondia atrás das costas sempre que ouvia os passos de alguém a subir os breves degraus da carrinha-livraria, com o seu pequeno candeeiro e as estantes em azul-pálido, o cantinho com o pufe para os mais pequenos e a minúscula secretária, que agora dispunha de um ponto *wireless*, o que deixava Nina muito orgulhosa (quando funcionava e o Wi-Fi emitia na direção certa), mas que os residentes mais antigos de Kirrinief consideravam bruxedo.

Por fim, Nina tinha conduzido a carrinha através da colina, verificado o estufado que deixara de manhã a cozinhar na panela elétrica a temperaturas brandas e fora ao encontro de Lennox com um sorriso suave e um beijo bem sentido.

— Um livro? — perguntou, após o jantar.

— Oh, Nina. Tive um dia tão difícil com as crias, sabes — respondeu-lhe, mas depois viu a cara dela. — Pronto, está bem, mas só um bocado — anuiu, puxando mais para si *Parsley*, o cão pastor, que se aninhou debaixo do seu braço.

Com o coração a bater descompassadamente, Nina retirou do pequeno saco de papel reciclado, que utilizara para manter a capa limpa, o livro de leitura que escolhera para aquela noite. Tinha o simples título de *Olá* e era ilustrado de uma forma belíssima, com uma série de minúsculos quadros impressionistas a delinear a forma como um bebé aprendia a ver, começando pelo preto e branco, a desvanecer-se nos rebordos, e, à medida que se ia voltando as páginas, a tornarem-se cada vez mais focados, adquirindo cor, passando do movimento da nuvem ao sentir do vento, até à última página, tão belamente executada, a mostrar a imagem detalhada de um bebé e da mãe a olharem-se nos olhos, entre eles apenas a palavra: *olá*.

Em vez de cair no sono, como de costume, Lennox ficou muito quieto e rígido, à medida que a voz de Nina oscilava a cada virar de página. Olhava-a fixamente, como se nunca a tivesse visto antes. Até mesmo *Parsley* permaneceu acordado, pressentindo algo de novo naquela sala.

Quando tinha terminado, e com as mãos a tremerem ligeiramente, Nina fechou o pequeno livro infantil com uma expressão determinada e baixou os olhos. Houve uma longa pausa em que nada se ouvia, senão o tiquetaque do relógio antigo, que ainda precisava que se lhe desse corda uma vez por semana, num dos lados da caixa de madeira. Tique, taque.

Nina não aguentou mais. Devagar, levantou os olhos. Lennox continuava a olhá-la fixamente, com uma expressão de incredulidade no rosto.

— Talvez me devesse dizer se estás feliz — falou Nina rapidamente.

— Ah! — disse ele. E, na sua forma nada efusiva, acrescentou: — Nã!

Nina perscrutou-lhe o rosto, ansiosa.

— Bem sei que não falámos no assunto — disse-lhe. — Mas também não o pusemos de lado...

Ele acenou com a cabeça.

— Portanto — disse.

— Esta terá de ser uma daquelas ocasiões de que falámos — avançou Nina —, em que és tu que tens de pôr as coisas em palavras. Quero eu dizer, estás contente? Estás feliz?

Olhou-a, consternado.

— Claro que sim — disse-lhe, como se estivesse espantado com a possibilidade de ela considerar que pudesse sentir-se de outra forma.

— Quero eu dizer, nós fazemo-lo muitas vezes — balbuciou Nina. — É natural que isto aconteça.

— É verdade. Sou um lavrador.

Os olhos dela brilharam ao encontro dele, quando estendeu os braços

para agarrá-la e sentá-la no seu colo, para depois a beijar, suavemente. Moveu as mãos sobre a barriga dela.

— Esta sou só eu. Aí, talvez uma pequena ervilha, ainda.

— Eu gosto de ambas. Portanto, quando?

— Em novembro? Pensei que fosse interessante festejar-se um aniversário num mês aborrecido, em que não há muito mais para fazer-se.

Ele suspirou profundamente e pousou a sua cabeça grande sobre a dela.

— Bem... — disse-lhe. — Isso vai ser... vai ser...

Nina riu-se.

— Diz *alguma* coisa.

Houve uma pausa longa, em que ele a estreitou mais a si.

— Perfeito — disse-lhe, eventualmente, muito sereno. — Será perfeito.

E tinham ficado assim, cingidos um ao outro, durante muito tempo.

Portanto, aquilo estava bem. Tudo o resto — nem por isso.

CAPÍTULO TRÊS

Zoe telefonou a Jaz. Há várias semanas que não o via.

Pensava, como tantas vezes o fizera, em como havia caído naquela situação. Em como toda a gente acabava por cair em alguma situação.

Oh, o Jaz, o Superstar DJ, cá vamos nós. Oriundo de Birmingham, inicialmente parecera tão mais jovem do que os seus atuais vinte e oito anos.

Ele e Zoe nunca tinham vivido juntos; jamais conhecera a família dele — ponto em que Zoe sabe que estará a pensar o seguinte: «Sua *idiota*, porque se envolveu com ele?», algo que, deixe-me sublinhá-lo, não é diferente daquilo que a mãe dela lhe dissera então e todos os seus amigos, se bem que num tom mais cortante.

Em sua defesa, agora mais fraca que o extrato da conta bancária dela, ele era — é —, muito atraente, as pestanas longas a tocarem-lhe as sobrancelhas, ombros largos, pernas compridas... Zoe tentou. Tentou mesmo. Também Jaz, durante algum tempo. Mas estar preso a uma criança não fazia, assim lho dissera, o estilo dele, minha querida.

Alugaram um quarto hediondo em Wembley e Zoe deu-lhe uma demão de pintura, o melhor que soube, mas o papel da parede enrolava-se já nas pontas e o corredor cheirava horrivelmente a cozinhados, e ela não conseguia fazer passar o carrinho do bebé por entre as bicicletas dos outros.

Zoe fez tão pouco uso da licença de maternidade quanto lhe foi possível (por ironia, ela trabalha numa creche bastante conceituada — tanto, que não

tem dinheiro para ter lá o próprio filho), e Jaz tentou assentar, arranjou um emprego num escritório, e depois nasceu Hari (de uma forma direta e serena, segundo a parteira; para Zoe, de maneira traumática e extraordinária).

Durante um breve tempo, ambos se esqueceram de tudo o resto, extasiados com a beleza do menino: quão glorioso, quão perfeito era — as suas minúsculas unhas cor-de-rosa, as pestanas do pai, os olhos sonolentos e os lábios a formarem um beicinho. Era um bebé sossegado — fácil de se lidar com ele, amado, por completo — e os amigos, todos eles ainda muito jovens, a saírem à noite para os bares e a frequentarem os festivais, passavam de vez em quando e traziam presentes, tantos, que já nem sabiam onde colocá-los, e mimavam-nos, até a mãe de Zoe veio de Espanha em visita, sempre com as lágrimas nos olhos por tudo e por nada, do tipo *Eastend*, e, durante algum tempo, apenas durante algum tempo, Zoe pensou que talvez estivesse tudo bem.

E, então, Jaz decidiu sair com os amigos, beber uma ou outra cerveja, praticar um pouco o seu jeito para DJ, e, então, começou a levantar-se tarde e a atrasar-se para o trabalho, e, por vezes, já não queria tomar conta de Hari, pois claro: ele era tão fofinho, porém, o que se passa com os bebés, tomou consciência Zoe, é estarem sempre ali, a cada instante, e, se deixamos de os observar, por um milésimo de segundo que seja, podem engasgar-se e morrer, ou algo parecido.

Portanto, para parar com as discussões, Jaz deixou de vir para casa, vinha cada vez menos, e, naquele ano, o verão era tão quente. E não havia um espaço exterior onde permanecer, nenhum lugar onde pudessem ir, e Zoe passava os dias a olhar para as quatro paredes do quarto, sentindo-se tal e qual aquela mulher do filme, presa num quarto.

Porém, nada aprisionava Zoe, a não ser o facto de não ter dinheiro para fazer algo mais a não ser trabalhar e estar ali sentada: nada mais. Naquele ciclo londrino terrível, ela voltou para o seu trabalho numa creche muito conceituada, que servia alimentos orgânicos e ensinava matemática de Kumon às crianças privilegiadas, e ela apenas pôde fazê-lo porque deixou Hari em casa de uns cuidadores de crianças deveras básicos, onde, para entretê-las, provavelmente apenas ligavam a televisão.

E quando ela questionava Jaz acerca do futuro, ele provocava de imediato uma enorme discussão para logo depois sair intempestivamente e não voltar durante dias. E Zoe alimentava Hari com as papas mais em conta que pudesse encontrar e ficava sentada naquele único quarto onde moravam, perguntando-se o que raio tinha acontecido com ela, Zoe O'Connell, de vinte e oito anos

de idade, promissores os seus primeiros passos profissionais, tendo chegado a considerar fazer um curso de mestrado e de um dia vir a estar à frente da sua própria creche. E ali estava. Aprisionada. Com restos de papas de cereais no cabelo e um filho que tinha um problema de fala, e, naquele momento, após duas viagens de autocarro para uma consulta no hospital, do outro lado da cidade, onde basicamente lhe tinham dito para resolver o problema sozinha, voltou para casa para se deparar com uma «reavaliação do valor da renda».

Ela sabia. Já tinha esperado algo do género. Uma *coffee shop* orgânica na esquina. Uma peixaria. Rumores de um supermercado da cadeia Waitrose. Boas notícias, para a maioria dos seus vizinhos. Para ela, sinais ominosos de mudança. O senhorio queria-a fora dali, preferindo albergar um profissional jovem e bem-sucedido. E a mercearia do bairro já decorara a fachada com luzinhas presas a um fio e pintara o interior num tom de verde-pálido; a loja de *hardware* já mudara o seu estilo para «vintage». Circulavam rumores sobre um Banksy (a Zoe apetecia matá-lo). Estendiam-se os dedos da gentrificação, pintados a cinzento da Farrow & Ball. E agora pretendiam apanhá-la.

A carta repousava em cima da mesa do hall. Zoe não compreendia como algo tão inócuo poderia ser tão ameaçador, mas o medo percorria-a só de pensar em tocar-lhe. Olhou fixamente para o papel e tomou consciência de que, se Jaz não conseguisse pagar, poderia declarar-se sem abrigo e atirar-se à mercê da assistência das autoridades locais, o que era uma perspetiva aterradoradora, e quem sabe onde iriam parar. Não podia ser. Ela não podia ser um sem-abrigo. Era ridículo. Um absurdo.

Ou poderia ir para Espanha, viver com a mãe no minúsculo quarto, encontrar trabalho num bar... havia muitos empregos em bares. Mas, mudar-se para um outro país... O filho dela não sabia uma palavra nessa língua.

Zoe deu consigo a entrar em pânico, o coração a acelerar-se, enquanto Hari procurava pelo velho *tablet* com o ecrã rachado e, ao encontrá-lo, o apanhou do chão.

O que podia ela fazer? A mão tremia-lhe. Havia tanta procura por amas, porém nenhuma contemplava a presença de mais uma criança. Nenhum dos empregos de dia lhe pagaria o suficiente. Reprimiu um soluço e telefonou a Jaz, melhor dizendo, enviou-lhe uma mensagem via WhatsApp, uma vez que ele nunca atendia uma chamada se soubesse que era dela. E ela insistiu para que se encontrassem.

CAPÍTULO QUATRO

É claro que Jaz estava atrasado. É claro que sim. E isto depois de lhe ter enviado um milhão de mensagens até que concordasse com uma das horas propostas para o encontro. Uma vez, Zoe tentara saber: e se Hari estivesse doente? E se ambos se encontrassem no hospital? E ele fizera o mesmo de sempre, bloqueara, encolhera os ombros e respondera:

— Não te preocupes, querida, avisa-me por mensagem.

Zoe olhou para o placar dos preços. Estavam num café caro, repleto de mamãs louras e magras e papás bem-parecidos a carregarem os seus filhos aos ombros e pagando por tabuleiros gulosos, cheios de bolos e cafés dispendiosos, como se o dinheiro não tivesse qualquer importância para eles, chegando-se às mesas dos amigos com labradores e discos de *frisbee*.

Ela esperava com Hari sentado sobre os seus joelhos, na extremidade de uma mesa grande, sem fazer qualquer pedido. Ia entrando gente que se juntava ao grupo enorme com nomes como Fizz e Charlie, Ollie e Fifi, trazendo consigo bolas e papagaios, cestas de piquenique e malas térmicas, falando sobre o dia espetacular que fazia, enquanto eles os dois iam desaparecendo, empurrados cada vez mais para o canto, ocupando aquele lugar com continuados pedidos de desculpa. Acabou por pedir um chá, o mais barato que pôde encontrar, e com isso angariou olhares martirizados das louras magrelas que estacionavam os seus carrinhos caros de bebé junto às pernas do banco onde se sentara. Concentrou-se com esmero redobrado no livro novo de

Michael Lewis que a biblioteca tinha guardado para ela. Livros: a única coisa que jamais a desapontara.

— Sempre a ler! — tinha-lhe dito a mãe em certas ocasiões em que bebia um copo a mais, o que acontecia com bastante frequência. — Quem diria que te levassem tão facilmente à certa! — E ainda: — Oh, minha querida, bem sabes que estou apenas a meter-me contigo.

Por fim, Jaz apareceu, lânguido e preguiçoso. Parecia, Zoe não pôde deixar de notá-lo, cada vez mais jovem. Trazia uma t-shirt sobre os calções que o faziam assemelhar-se a um menino grande; a barba demasiado bem cuidada conferia-lhe um aspeto de adolescente. Zoe sentia-se envelhecer de dia para dia, com o mundo sobre as costas a pesar-lhe cada vez mais.

Ele continuava a ser um homem bonito, claro, ainda com aquele sorriso adorável, que a fazia fraquejar.

Ao vê-lo, a boca de Hari tomou a forma de um «O» de deleite e ele tentou libertar-se do colo de Zoe para o chão.

— Diz «por favor»! — falou uma das mães louras em tom de gracejo, mas com um ar muito sério, e Zoe suspirou, porém decidiu ignorar, particularmente naquela altura, pelo que ajudou simplesmente Hari a descer — sentindo que estava a ser julgada —, e a criança parecia uma flecha, a correr na direção do pai, que adorava com cada poro do seu pequeno ser.

— Mano! — disse Jaz, pegando nele e fazendo-o rodopiar nos seus braços.

Zoe não gostava que lhe chamasse isso, porque não eram manos; nada podia fazer, Jaz chamava toda a gente assim, tratando-se praticamente de um tique nervoso.

— O que tens para me contar, hoje?

Hari não respondeu, claro, mas olhou o pai com um brilho enorme nos olhos, lá do alto, onde os braços do pai o haviam levantado e o seguravam, acima da cabeça, aquele brilho puro de amor que fazia Zoe praguejar, pois ela estava para sempre ligada a Jaz — e tinha a obrigação de ser civilizada para com ele —, e jamais poderia interromper ou apagar aquele luzir amoroso. Um tempo houvera em que a própria Zoe pensara amá-lo. Isso foi sensivelmente antes de ele tentar torná-los sem-abrigo.

— Como vão as coisas? — perguntou num tom casual. Zoe apercebia-se agora que se tinham transformado no centro das atenções de praticamente todos os presentes no café. Jaz nunca se importara com os olhos postos nele.

— Vamos dar um passeio? — perguntou-lhe Zoe, não pretendendo fazer daquilo que tinha para dizer-lhe uma emissão diante daquele aglomerado

nuclear, aos pares, de bem com a vida, pretensioso, ioga-maternal e de habitação espaçosa que ali fazia um breve intervalo e que ela gostaria tanto de odiar, porém invejava, desesperadamente.

— Deixa-me só beber um café, querida... queres alguma coisa?

Por uma questão de hábito, Zoe abanou a cabeça em sinal negativo, depois observou como ele gastava 9.75£ num grande *latte* e um queque enorme, só para ele, e Hari, que o olhava boquiaberto, pensando provavelmente se o pai seria capaz de ingerir aquilo tudo (e conseguiu, e tanto ele como Zoe haveriam de se arrepender disso, pouco depois).

Finalmente, puderam escapar ao ambiente do café e conseguiram traçar caminho sobre a relva longa — passando pelos jovens que liam, preguiçosos, ou estavam aos beijos, que se encontravam sós ou agrupados, com imenso tempo livre para se estenderam sobre o relvado de um parque, tomados por aquele dia de sol — e dirigiram-se para o lago dos patos.

Hari vagueava sem rumo, espalhando o creme do queque com tanta consistência em cada centímetro do seu corpo que Zoe decidiu dispensar o protetor solar, o que era um alívio, pois custava uma fortuna.

— O que se passa? — indagou, por fim, Jaz, na defensiva.

— A renda — disse Zoe, simplesmente.

Jaz acenou com a cabeça.

— Sim, querida, mas... — começou em tom de lamúria. — Eu perdi o meu emprego.

Estendeu as mãos com as palmas para cima, em jeito de quem diz *O que posso fazer?* Zoe não lhe perguntou porquê. Ela vira o que ele fazia, quando moravam ambos no apartamento. Ficava a dormir até tarde. Telefonava para o emprego a dizer que estava doente, quando não lhe apetecia ir trabalhar. A queixar-se, nas ocasiões em que os chefes lhe pediam que realmente fizesse algum trabalho.

— Vão subir a renda — disse-lhe num tom determinado.

Jaz suspirou.

— Desculpa, mas não posso ajudar. Eu simplesmente não tenho dinheiro.

Zoe pensara nisso. Ele podia ajudar, podia arranjar dinheiro. Se falasse com os pais dele, certamente que iriam apoiá-lo. Eles estavam a viver bem, em Birmingham; estavam a financiar-lhe a prestação do carro. Se soubessem que tinham um neto, decerto que..., talvez inicialmente ficassem chocados, mas recuperariam e...

Os lábios de Jaz premiram-se naquela linha fina que formavam sempre que ela mencionava os pais dele. Em nenhuma circunstância. Nenhuma.

— É só por um ano — disse Zoe, desesperada. — Depois ele vai para a escola e eu posso aumentar o número de horas no trabalho, e tudo ficará bem.

— Não podes ir para a casa da tua mãe?

— Em *Espanha*?

Pelo menos, teve a elegância de tomar um aspeto embaraçado.

— Ei! — Chamou uma voz educada. Era um dos irritantes pais perfeitos do café, em calças de sarja e uma t-shirt de rugby, o cabelo imaculadamente penteado. — Aquele miúdo ali é o vosso?

Ambos se voltaram, e lá estava ele, a balancear-se mesmo na ponta de um dos lados escorregadios do lago, enquanto um pato enorme, de aspeto malicioso, avançava na direção do queque. E, como era habitual, o menino não soltou um som.

— HARI! — gritaram os dois.

O menino virou-se para trás, no preciso instante em que o pato abria o bico para o queque, o que o desequilibrou. Como uma seta, já Jaz se encontrava ao lado dele, levantando-o nos braços, pousando a sua cabeça no casaco de tecido brilhante, apesar das manchas de queque.

— Estás bem, meu pequeno — murmurou, ao mesmo tempo que os olhos do menino se enchiam de lágrimas, manchando a t-shirt de marca de Jaz, enquanto este o apertava contra si. — Tu estás bem, tu estás bem, meu pequeno. Eu estou contigo. Estou contigo.

Mas não estava. Isto, pensou Zoe maldosamente, a caminho de casa. Pai inconstante. Assistência precária. Nada de dinheiro. Um transtorno no desenvolvimento. Nada para fazer, nenhures para ir, a não ser sentar-se em casa ou na biblioteca (a bondosa bibliotecária, por sinal, fora a primeira a perguntar-lhe se não a preocupava o filho não falar).

E agora, estavam completamente perdidos.

CAPÍTULO CINCO

Surinder soube que algo estava errado pela forma como Jaz rodou a chave na fechadura da porta, depois de lhe ter enviado uma mensagem a dizer que vinha a Brum, o que, só por si, já era pouco habitual.

Mas ela era a irmã dele. E amava-o. Sabia que ele não tinha uma vida fácil: os dois outros irmãos eram ambos oftalmologistas e ela administrava uma empresa de importações e exportações; Jaz ainda não tinha encontrado o seu caminho. O pai deles já tinha construído uma vida boa quando Jaz nascera, e, consigo mesma, Surinder pensava que este irmão talvez tivesse sido mimado de mais — os carros eram-lhe comprados, tal como as roupas de marca. Os pais deles tinham trabalhado tanto, ao longo das suas vidas: ela sabia que gostavam da indulgência que praticavam com o seu filho mais novo, o seu bebé.

E agora, ele estava ali, sentado à mesa da cozinha dela, contando-lhe que *ele* também tinha um bebé.

Que não se tratava de um bebé: era um menino já com quatro anos. Com uma mulher branca, em Londres.

Afundara-se na cadeira junto à mesa. Todo o espaço apresentava-se agora lustroso e modernista, na cozinha uma ilha com uma batedeira dispendiosa em tons de pastel, que Surinder nunca utilizava. Por vezes, sentia falta das enormes pilhas de livros a cobrirem todas as superfícies, como quando Nina ainda ali vivia.

— Mas — disse ela, e depois tornou a abanar a cabeça. — Como, raios... como, *raios*, conseguiste ter um filho?

Jaz rebolou os olhos.

— Pois bem, pega-se numa flor e numa abelha, é assim, não é, e depois...

— Para com isso — disse-lhe Surinder. — Quando é que pensavas contar à mãe e ao pai?

Mexeu-se na cadeira, desconfortável.

— Bem — acabou por dizer. — É que... é que, sabes, aconteceu...

— Não, eu *não* sei — enfatizou Surinder. — Não se tropeça, assim, acidentalmente, num bebé. Meu Deus, voltei a ser tia! Mostra-me fotos! Não, não mostres... estou furiosa contigo. Mas, mostra-me fotos. Não, não mostres.

Houve uma pausa.

— Dá cá.

Ele puxou pelo seu telemóvel bem guardado.

— Pensei que eras tão esquisito com o teu telemóvel para que não soubermos de alguma namorada... Ah, mas também as deves ter, não?

Jaz enrubesceu até às pontas das orelhas.

— Bem, o ser DJ não está realmente a correr pelo melhor e...

Surinder olhou-o o mais diretamente possível e ele fez o melhor para ignorá-la.

— Vieste aqui pedir-me dinheiro?

— Está mesmo muito difícil — admitiu Jaz. — As pessoas não entendem a minha onda.

— Pois eu estou a entender perfeitamente a tua onda — disse-lhe Surinder num tom rígido. Abriu a lata de biscoitos de emergência, tirou um para si, sem oferecer ao irmão.

— Vais contar à mãe e ao pai?

— Se o fizesse, matavam-me! — afirmou Jaz.

— Eles não vão matar-te — falou-lhe Surinder. — Eles vão ficar desapontados.

— O que é ainda pior!

— Pelo amor de Deus!

— Eu apenas... ela precisa de ajuda...

— Vieste bater à porta errada. Saberias disso, se lesse um jornal que fosse e estivesse a par do termo «Brexit» ou «mudança de moeda» e trabalhasse numa empresa importante.

Jaz massajou o pescoço.

— Quais são os teus planos? — indagou Surinder.

— Estou a pensar em fazer de DJ durante aqueles dias de festival, dar-lhe mesmo no duro, sabes? Ganhar dinheiro suficiente para resolver a situação.

— Portanto — disse Surinder, sombria —, tencionas plantar uns feijões mágicos.

— Vais arrepender-te, quando eu for famoso.

— Onde está a família *dela*?

— Em Espanha — respondeu Jaz. — Já só lhe resta a mãe.

A imaginação de Surinder deu lugar a uma rapariga preguiçosa, de braços cruzados e de perna traçada, à espera que fosse Jaz a pagar-lhe tudo.

— És tão idiota — disse-lhe. — Como é que ela é? Tens aí uma foto dela? Para o horror de Surinder, não tinha.

— Ah, mas ela é boa rapariga — explicou Jaz. — Está sempre a ler. É como aquela tua colega, que viveu aqui contigo. Obcecada pela leitura. Livros, livros e mais livros. Uma seca.

Houve uma pausa.

— O que foi? — perguntou Jaz.

— Nada — disse-lhe Surinder. — É que... não, não deve ser nada.

CAPÍTULO SEIS

Os rapazes e as raparigas das colheitas tinham partido de novo. O tempo permanecia ameno e dourado, a brisa circulava por entre os campos despidos de seus frutos. O entardecer demorava-se ainda, mesmo havendo no ar fino o prenúncio leve da chegada do outono. Os gansos tinham começado a voar por cima das cabeças, a prepararem-se para a sua longa viagem na direção do Sul.

Nina fora rapidamente à loja da senhora Murray, na vila, em busca de estragão para o frango que iria assar mais logo, e de quatro pãozinhos doces, dos quais tencionava guardar pelo menos um para Lennox.

— Ah, olhem só para ela — cumprimentou-a a senhora Murray. Nina olhou para baixo, para a sua barriga. — Está enorme!

— Pensei que estivesse na média — resmungou Nina entre dentes, consciente de novo de que era muito óbvio, como lhe dizia constantemente o médico visitante, quão avançada ia no seu estado de gravidez.

Ela descobrira que estava grávida na mesma altura que uma celebridade o anunciara e estava ligeiramente obcecada com essa mulher famosa, que exibia uma barriga redonda e pequena, que mal se notava, em vários pontos de notoriedade do país e do mundo, enquanto ela, Nina, já sentia dificuldades em inclinar-se para atar os atilhos dos sapatos.

— Bem, quantos é que tem aí dentro? — perguntou a senhora Murray, que sempre fora uma pessoa bastante direta.

— Está bem — disse ela, e decidiu não levar os pães doces.

A senhora idosa levantou a cabeça.

— É uma ótima notícia — acabou por dizer. — Não pensei voltar a ver o Lennox tão feliz.

Nina sorriu, não reagindo ao facto de estar a ser lembrada de que não era a primeira namorada de Lennox.

— Então, o que vai fazer com a sua carrinha...?

Ainda não tinha terminado a pergunta, quando a porta da loja se abriu e entrou uma rapariga que nem uma nem outra conheciam. Tinha um ar triste. Era magra, tinha as maçãs do rosto salientes, o cabelo muito claro, e falava com um forte sotaque polaco.

— Olá — cumprimentou-a a senhora Murray, agora mais reservada.

A rapariga esfregou o rosto, que estava bastante sujo.

— Quando autocarro, por favor? — perguntou.

A senhora Murray franziu as sobrancelhas.

— Bem, depende, para onde vai?

— Tanto faz — proferiu a rapariga, feroz. A senhora Murray e Nina entreolharam-se.

— Na terça-feira — informou a senhora Murray.

— Você está bem? — indagou Nina, gentilmente.

A rapariga abanou a cabeça.

— São uns monstros! — proferiu, e Nina ficou genuinamente preocupada.

— Está a falar de quem? — indagou.

— Ah! — exclamou a senhora Murray. — Você está na casa lá de cima.

— Já não — anunciou a rapariga.

— Que casa? — perguntou Nina.

— A casa grande! — sublinhou a senhora Murray, como se Nina fosse idiota.

— Sabe então — disse a rapariga —, eles são... eles são...

Olhou para ambas.

— Lobos — expeliu. — Pequenos lobos.

Serenamente, a senhora Murray registou a tablete de chocolate que Nina nem se apercebera de ter colocado no cesto das compras.

— Estou a ver.

— Não fico... terça-feira?

— Há um autocarro para Inverness... existe lá um aeroporto.

A rapariga acenou com a cabeça, sem dizer nada.

— Ai, aquela casa — disse a senhora Murray. A rapariga saiu, arrastando atrás de si uma mala pesada.

— O que tem a casa? — perguntou Nina. Ela vivia ali há apenas um ano. Conhecera já muitas pessoas, mas a lealdade entre os aldeões era forte e ela sabia dos mexericos em segunda mão, quando sequer chegava a ter conhecimento deles. O que ela achava bom. Cada vez que a incluíam um pouco mais — um café da manhã aqui, um jantar comemorativo ali — sentia-se cada vez mais aceite, por mérito próprio, como alguém que chegara para ficar, não uma mera turista de passagem.

Além disso, para ser franca, a maioria dos mexericos eram acerca dela e de Lennox e da ex-mulher dele. Imensos. Às toneladas. E, se Nina tivesse considerado que diminuiriam com a chegada do bebé, enfrentaria uma enorme desilusão.

— Os Beeches?

— Ah, sim — disse Nina. Tinha uma vaga ideia. — Penso que o conheço... um homem alto. Bateu com a cabeça na carrinha.

— Sim, deve ter sido o Ramsey — confirmou a senhora Murray. Suspirou. — É terrível, o que aconteceu.

— Conte-me — pediu Nina, que queria distrair-se dos pães com cobertura de calda doce.

— A esposa deixou-o — disse a senhora Murray. — Com os miúdos e tudo.

— Meu Deus, a sério? — falou Nina. — Isso é muito mau. Quantos filhos são?

— Três — disse a rapariga polaca, cuja cabeça reaparecera na porta, mediante a queda de chuva repentina e, por outro lado, já tão habitual, que Nina deixara de tecer qualquer comentário acerca dela. O tempo na Escócia era como em qualquer outro lado, mas mais rápido. — Todos maus.

— Essa agora — disse a senhora Murray em tom desaprovador. — Eles estão sem mãe.

— O que aconteceu? — sobressaltou-se Nina. — Onde está a mãe deles?

— Nunca vi — falou a rapariga polaca.

— Ninguém a vê — disse a senhora Murray.

— Verdade? — perguntou Nina. — Não sabia nada disto. Ele matou-a? Enlouqueceu e está fechada no sótão?

Ninguém falou.

— Ela era difícil de se lidar — acabou por expor a senhora Murray. — Mas agora foi-se embora.

— Tem a *certeza*?

— É da casa grande — rematou. — Acontecem coisas estranhas, lá em cima.

CAPÍTULO SETE

Naquele dia, quando Surinder desceu do comboio, estava um calor insuportável. Não era daqueles dias que nos inspira um *vamos até à praia*. Era abrasador, peganhento, demasiadas pessoas dentro do comboio, desagradável. Havia crianças acaloradas que soltavam gemidos e choramingavam; circulava um odor forte a suor na carruagem. Descer do comboio não tornou o dia mais prazenteiro. A estação estava lotada, quente, repleta de agitação; alguns trajetos estavam a ser cancelados devido a linhas e pessoas em sobreaquecimento; toda a Londres afigurava-se estranhamente ameaçadora.

Jaz implorara-lhe para não vir, ela, porém, ameaçara-o de contar aos pais, de uma forma ou de outra, pelo que não teve outra escolha.

Zoe sentia-se exultante e, ao mesmo tempo, preocupada. Seria este um novo início? Jaz a levá-la para a vida dele, iriam finalmente construir algo juntos, para ambos?

Ficou imensamente desapontada, ao ver Surinder a descer a sós da carruagem.

Vestira Hari com as roupas melhores, notando, contudo, que já estavam a ficar demasiado pequenas para ele. Suspirara e voltara a colocar-lhe o macacão de ganga que obtivera da loja de caridade. O menino esforçara-se por entrar nele e revelara um ar desgastado, mais ainda quando Zoe decidiu prescindir do carrinho de bebé, levando-o a percorrer a pé aquele caminho longo

até à paragem do autocarro. Ele não estava a conseguir acompanhá-la, pelo que acabou por o carregar ao colo durante a maior parte do percurso, com ele a torcer-se, acalorado, e agora ela estava suada e nervosa, a sentir-se um desmazelo, e aquela bela rapariga de ar resolvido, que descia do comboio, era a irmã de Jaz, sem sombra de dúvida.

É claro que Jaz não viera.

Zoe acenou, sem grande convicção.

Surinder olhou-a — bem, não era cunhada dela, mas ainda assim... Céus, não era nada como a tinha imaginado. Magra — quase escanzelada, para dizer a verdade, porque do tipo de magreza que não se deseja ter: pequena, o cabelo preto em desalinho e atado atrás de maneira desmazelada, rosto com olheiras. Não se prendeu muito, contudo, no aspeto de Zoe, pois os olhos logo desceram para o menino pequeno que se escondia atrás das pernas dela. E logo o rosto desenhou um sorriso.

— Olá! — disse. — Olá!

Acocorou-se instantaneamente. O menino espreitava-a por entre as pernas da mãe.

— Tu és o Hari?

A criança não respondeu.

— O Jaz... — Zoe teve consciência de que a voz dela denotava o nervosismo que sentia. — O Jaz explicou-lhe?

Surinder ergueu-se. Era tão bonita e parecia tão confiante. Zoe quis desde logo que se dessem bem. A irmã de Jaz não se teria deixado levar como ela, era sensata de mais, pensou Zoe, não sem tristeza.

— Explicou o quê? Olá, já agora. Sou a Surinder. Lamento muito o meu irmão ser tão cabeça-dura.

— Hum... não faz mal — disse Zoe. — Ele explicou-lhe acerca do Hari?

— Como assim?

— Ele... Ele não fala.

— Oh — Surinder franziu o sobrolho. — Não me parece pera doce.

Ambas continuavam na plataforma movimentada.

— Existe por aqui algum lugar mais fresco onde possamos tomar um chá? — perguntou Surinder. — E não me refiro ao fresco de Londres. Algo com menos graus à sombra.

Não havia muita coisa em Euston, mas, por fim, encontraram um parque singelo com um par de baloiços para as crianças. Hari olhou para eles, mas não se atreveu a aproximar-se, e Surinder foi buscar um chá para ambas, num ponto de venda ali perto.

— Pronto — disse por fim. Hari trepou para o colo de Zoe. Surinder tentava repetidamente interagir com ele, mas o menino escondia dela o rosto.

— Ele é tímido — explicou Zoe.

— Já percebi isso — disse Surinder, e ambas refletiram por momentos, chocadas, se Jaz teria assumido o filho com maior rapidez, fosse ele mais extrovertido e palrador.

Contudo, pensou Surinder, o menino era um encanto: pestanas longas e escuras, a pele sem mácula.

Zoe suspirou.

— O que se passa? — indagou Surinder. — Tem sido difícil?

Zoe sentiu as lágrimas a aflorarem-lhe os olhos.

— Ah, sim... bom, ser uma mãe solteira... sabe? — disse-lhe. — Bem, não o sabe, mas não é fácil.

— O Jaz não a ajuda?

— Ele ajudava — falou Zoe, pronta a defendê-lo. — Quando estava a trabalhar, ele ajudava. Mas ele só pensa em ser o raio de um DJ e não consegue segurar um emprego, até ter pelo menos tentado o que quer...

— Ainda o defende — disse-lhe Surinder. — Escute, nós queremos ajudar. Bem, eu quero...

— Os vossos pais?

Surinder encolheu os ombros.

— O Jaz é mesmo intransigente — admitiu. — Lamento muito.

— Não faz mal — disse-lhe Zoe. — É por causa de eu não ser indiana?

Surinder resfolegou.

— Meu Deus, não. Eles adoram a Angela.

Depois reconheceu, que fora insensível.

— A do meu outro irmão... Não interessa. Escute, mostra-me onde mora?

Assim que viu o sítio, com o papel da parede a enrolar-se nas pontas e o pequeno lume elétrico, sem mais nada, Surinder decidiu quase imediatamente. Ela conhecia outra pessoa que também não se adaptara na cidade, que precisava de um espaço onde lhe fosse possível respirar.

— Oiça-me. Sabe muito acerca de livros?

— Leio bastante — anuiu Zoe. Depois levantou os olhos. — E eu estou pronta... Quero dizer, precisamos de um lugar para nós. Mas, se souber de um bom emprego... Prometo, prometo-lhe que trabalho duro. Sei fazer isso.

Surinder olhou em redor. Aquele pequeno estúdio era horrível, porém estava limpo e cuidado, tal como o próprio menino.

— Não posso prometer nada — disse —, mas vou ver o que posso arranjar.

Surinder inclinou-se, e, de imediato, o menino tornou a esconder-se atrás das pernas da mãe.

— E, na próxima vez que nos virmos, meu menino, espero que dê mais atenção aqui à tia, está bem?